



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA INGLESA**

**DEYWHILDSON LUIZ DE OLIVEIRA**

**INTELIGIBILIDADE DO FALAR EM INGLÊS DO  
BRASILEIRO: UM ESTUDO COM OUVINTES  
CAMARONESES**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2015**

**DEYWHILDSON LUIZ DE OLIVEIRA**

**INTELIGIBILIDADE DO FALAR EM INGLÊS DO  
BRASILEIRO: UM ESTUDO COM OUVINTES  
CAMARONESES**

**Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura em Letras - Língua Inglesa  
do Centro de Humanidades da  
Universidade Federal de Campina  
Grande, como requisito parcial para a  
obtenção do título de Licenciado em  
Letras – Língua Inglesa.**

**Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup>. Neide de Fátima Cesar da Cruz.**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2015**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

O48i Oliveira, Deywhildson Luiz de.

Inteligibilidade do falar em inglês do brasileiro : um estudo com ouvintes camaroneses / Deywhildson Luiz de Oliveira. – Campina Grande, 2017.

42 f.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Inglesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação: Profa. Dra. Neide de Fátima Cesar da Cruz".

Referências.

1. Inteligibilidade - Falar em Inglês do Brasileiro. 2. Inglês - Segunda Língua. 3. Acentuação de Vocábulo - Pronúncia. I. Cruz, Neide de Fátima Cesar da. II. Título.

CDU 811.111(043)

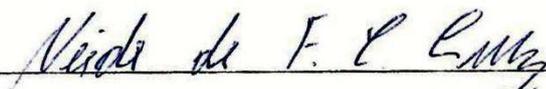
Deywhildson Luiz de Oliveira

INTELIGIBILIDADE DO FALAR EM INGLÊS DO  
BRASILEIRO: UM ESTUDO COM OUVINTES  
CAMARONESES

Monografia de conclusão de curso apresentada  
ao Curso de Letras – Língua Inglesa da  
Universidade Federal de Campina Grande,  
como requisito parcial à conclusão do curso.

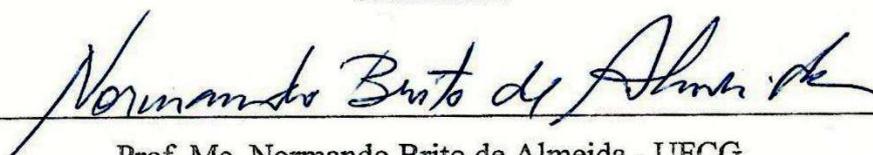
Aprovada em 05 de SETEMBRO de 2017

Banca Examinadora:



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Neide Fátima Cesar da Cruz – UFCG

Orientadora



Prof. Me. Normando Brito de Almeida - UFCG

Examinador

CAMPINA GRANDE - PB

2017

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Pronúncia dos vocábulos da categoria acentuação .....	32
Tabela 2 – Vocábulos compreendidos .....	34

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Substituição de vogais pelo falante brasileiro de inglês.....	18
Quadro 2 – Variação de acentuação do inglês camaronês 1.....	22
Quadro 3 - Variação de acentuação do inglês camaronês 2 .....	22
Quadro 4 – Vocábulos compreendidos por ambos os ouvintes.....	25

## RESUMO

**Resumo:** A expansão da língua inglesa no mundo, segundo Jenkins (2003), é discutida levando em consideração três grupos de usuários da referida língua: os falantes de Inglês como Língua Nativa (ILN), os falantes de Inglês como Segunda Língua (ISL), e os falantes de Inglês como Língua Estrangeira (ILE). A ausência de estudos em inteligibilidade do falar em inglês do brasileiro envolvendo ouvintes de ISL, bem como a presença de um aluno camaronês, falante de ISL, no curso de Letras/Inglês da Unidade Acadêmica de Letras (UAL) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), motivaram a realização do presente estudo, que tem os seguintes objetivos: (1) identificar na fala espontânea de graduandos de Letras/Inglês da UFCG os aspectos de pronúncia que caracterizam o falar em inglês do brasileiro; (2) investigar quais desses aspectos afetam a inteligibilidade da fala desses graduandos para dois ouvintes camaroneses de inglês: um familiarizado com o falar em inglês dos brasileiros e outro não familiarizado; e (3) investigar a influência da familiaridade (ou da falta dela) na inteligibilidade das amostras para ambos os ouvintes participantes do estudo. A fim de atingir nossos objetivos, utilizamos em nosso estudo o conceito de inteligibilidade de Smith e Nelson (1985); discutimos sobre as variáveis relacionadas ao ouvinte utilizando Field (2003); descrevemos as características do falar em inglês do brasileiro apoiados nas teorias de Mascherpe (1970), Lessa (1985), Lieff e Nunes (1993) Rebello (1997), Baptista (2001) e Silva (2005); e fizemos uso de Atechi (2004) para descrever alguns dos aspectos do inglês camaronês. A fim de coletar dados, graduandos brasileiros foram áudio-gravados falando livremente sobre dois tópicos selecionados pelos mesmos. Amostras de suas falas contendo aspectos de pronúncia que caracterizam o falar em inglês do brasileiro foram selecionadas e em seguida apresentadas a dois ouvintes camaroneses, que foram solicitados a escrever o que ouviram e identificar as palavras que consideraram difícil, muito difícil ou impossível de entender. Os resultados apontaram que, com base nas amostras analisadas, a acentuação de vocábulo foi o aspecto que mais afetou a inteligibilidade da fala dos graduandos brasileiros para os ouvintes camaroneses.

**Palavras-chave:** Inteligibilidade. Falar em inglês do brasileiro; Inglês segunda língua. Acentuação.

## ABSTRACT

**Abstract:** The worldwide spread of the English language, according to Jenkins (2003), is discussed considering three groups of users: the speakers of English as a Native Language (ENL), the speakers of English as a Second Language (ESL), and the speakers of English as a Foreign Language (EFL). The absence of studies on intelligibility of the Brazilian way of speaking English involving ESL listeners, as well as the fact of having of a Cameroonian student, speaker of ESL, as an English major at UAL/UFCG led to the present study, which has the following objectives: (1) identify pronunciation aspects that characterize the Brazilian way of speaking English in spontaneous utterances of Brazilian English majors from UFCG; (2) investigate which of these aspect affects the speech of the English majors to two Cameroonian listeners, of which one is familiarized with the Brazilian way of speaking English and the other is not; (3) investigate the influence of the familiarity (or the lack of it) on the intelligibility of the speech of the Brazilians to both listeners who participated in this study. In order to reach our objectives, the concept of intelligibility by Smith and Nelson (1985) was used; variables related to the listener were discussed using Field (2003); the Brazilian way of speaking English was described using Mascherpe (1970), Lessa (1985), Lieff and Nunes (1993) Rebello (1997), Baptista (2001) and Silva (2005); and Atechi (2004) was used so as to describe some aspects of the Cameroonian English. In order to collect data, the undergraduates were audio-recorded talking freely about two topics of their choice. Samples of their utterances, which had pronunciation aspects that characterize the Brazilian way of speaking English, were selected and then introduced to the Cameroonian listeners, who were requested to write what they had heard, and identify the words that they considered hard, very hard, or impossible to understand. Considering the samples that were analyzed, the results showed that word stress was the aspect which hindered the most the utterances of the Brazilian undergraduates to the Cameroonian listeners.

**Keywords:** Intelligibility. Brazilian way of speaking English. English second language. Stress.

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	9
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	11
2.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	11
2.2 COLETA DE DADOS.....	11
<b>3 DEFINIÇÕES DE INTELIGIBILIDADE</b> .....	13
<b>4 VARIÁVEIS RELACIONADAS AO OUVINTE</b> .....	14
<b>5 ASPECTOS DA PRONÚNCIA DO FALAR EM INGLÊS DO BRASILEIRO</b> .....	15
5.1 CONSOANTES .....	16
<b>5.1.1 Oclusivas</b> .....	16
<b>5.1.2 Fricativas</b> .....	16
<b>5.1.3 Africadas</b> .....	17
<b>5.1.4 Lateral</b> .....	17
<b>5.1.5 Nasais</b> .....	17
<b>5.1.6 Aproximantes</b> .....	18
5.2 VOGAIS .....	18
5.3 INSERÇÃO DE VOGAL .....	19
<b>5.3.1 Inserção final de vogal</b> .....	19
<b>5.3.2 Inserção inicial de vogal</b> .....	19
<b>5.3.3 -Ed final</b> .....	19
5.4 ACENTUAÇÃO .....	20
<b>6 INGLÊS CAMARONÊS</b> .....	20
6.1 VOGAIS E CONSOANTES .....	21
6.2 ACENTUAÇÃO .....	21
<b>7 ANÁLISE DE DADOS</b> .....	23
7.1 SUBSTITUIÇÃO DE VOGAL E CONSOANTE.....	23
<b>7.1.1 Reach</b> .....	23
<b>7.1.2 School</b> .....	24
<b>7.1.3 Whole, think, bad e thing</b> .....	25
7.2 INSERÇÃO DE VOGAL .....	26
<b>7.2.1 em posição inicial de vocábulo</b> .....	26
7.2.1.1 <i>Small</i> .....	26
7.2.1.2 <i>Speechless</i> .....	27
7.2.1.3 <i>Speaks</i> .....	28
<b>7.2.2 Em posição final de vocábulo</b> .....	28
7.2.2.1 <i>Public</i> .....	28

7.2.2.2 <i>Health</i> .....	29
7.2.2.3 <i>Think e first</i> .....	30
<b>7.2.3 - Ed final</b> .....	31
7.2.3.1 <i>Called</i> .....	31
7.3 ACENTUAÇÃO .....	32
7.4 VOCÁBULO <i>CULTURE</i> .....	33
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	35
<b>9 REFERÊNCIAS</b> .....	37
ANEXO I.....	39
ANEXO II .....	41

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A expansão da língua inglesa no mundo, segundo Jenkins (2003), é discutida levando em consideração três grupos de usuários da referida língua: os falantes de Inglês como Língua Nativa (ILN), que são aqueles nascidos e criados em países como Estados Unidos, Grã Bretanha e Austrália, onde o inglês é historicamente a primeira língua a ser aprendida e falada; os falantes de Inglês como Segunda Língua (ISL), que são os habitantes de países colonizados pelos ingleses, como Índia e Nigéria, onde o inglês é usado como língua oficial em órgãos administrativos, meios de comunicação e na educação, devido à diversidade de línguas locais existentes, grupo no qual podemos incluir Camarões; e os falantes de Inglês como Língua Estrangeira (ILE), que são habitantes de países como Japão e Argentina, onde o inglês não é utilizado como primeira língua nem como segunda, grupo no qual também podemos incluir o Brasil.

Considerando os três grupos de usuários previamente mencionados, constatamos que estudos em inteligibilidade do inglês falado pelos brasileiros já foram realizados para ouvintes de ILN por Cruz (2006) e Cruz e Pereira (2006); e para ouvintes de ILE por Silva (2000) e Reis e Cruz (2010). A ausência de estudos em inteligibilidade envolvendo ouvintes de ISL, bem como a presença de um aluno camaronês, falante de ISL, no curso de Letras/Inglês da Unidade Acadêmica de Letras (UAL) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), aliada ao nosso interesse pelo tema nos motivaram a realizar a presente pesquisa.

O presente estudo teve início no ano de 2013 com apoio do PIBIC/CNPq/UFCG e teve como objetivo geral oferecer um parâmetro dos aspectos de pronúncia que podem impedir a inteligibilidade das mensagens produzidas por alunos do curso de Letras/Inglês da UFCG para dois ouvintes camaroneses de inglês.

Os objetivos específicos são:

1. Identificar na fala espontânea de graduandos de Letras/Inglês da UFCG os aspectos de pronúncia que caracterizam o falar em inglês do brasileiro;
2. Investigar quais desses aspectos afetam a inteligibilidade da fala desses graduandos para dois ouvintes camaroneses de inglês: um familiarizado com o falar em inglês dos brasileiros e outro não familiarizado.
3. Investigar a influência da familiaridade (ou da falta dela) na inteligibilidade das amostras para ambos os ouvintes participantes do estudo.

A fim de atingir nossos objetivos, utilizaremos em nosso estudo o conceito de inteligibilidade de Smith e Nelson (1985 apud CRUZ, 2007); discutiremos sobre as variáveis relacionadas ao ouvinte utilizando Field (2003); descreveremos as características do falar em inglês do brasileiro apoiados nas teorias de Mascherpe (1970), Lessa (1985 apud Cruz, 2004), Lieff e Nunes (1993) Rebello (1997), Baptista (2001) e Silva (2005); e faremos uso de Atechi (2004) para descrever alguns dos aspectos do inglês camaronês.

A presente pesquisa está dividida em um capítulo metodológico, no qual explanamos acerca dos métodos utilizados para a coleta dos dados analisados; um capítulo teórico, no qual explicamos a teoria que embasa nossa investigação; um capítulo de análise, no qual buscamos atingir os objetivos traçados previamente; e, por fim, as considerações finais, na qual resumizamos nossos resultados e ressaltamos a relevância do nosso estudo.

## 2 METODOLOGIA

### 2.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A coleta de dados da presente pesquisa foi realizada com nove participantes: sete brasileiros e dois camaroneses. Os brasileiros eram graduandos do curso de Letras/Inglês da UFCG e, na época da coleta de dados, cursavam entre o primeiro e o oitavo semestre do curso, com idades variando entre dezessete e vinte e três anos. Estes relataram não terem tido experiência com a língua inglesa no exterior e quatro tinham experiência com o ensino da referida língua. Os graduandos foram selecionados com base em informações fornecidas por seus professores a respeito de seus níveis de fluência no inglês, uma vez que seriam solicitados a falar livremente.

O primeiro participante camaronês tinha vinte e três anos. Este falava inglês e francês, e relatou que, apesar de ter sido educado em inglês, havia concluído o curso superior de Relações Internacionais na Universidade de Yaoundé II, localizada na parte francófona de Camarões. Na época da coleta de dados, o mesmo cursava o terceiro semestre do curso de Letras/Inglês da UFCG e era participante do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)<sup>1</sup>. O participante também relatou interagir em inglês e português com brasileiros e, portanto, estava familiarizado com o falar em inglês dos mesmos.

O segundo participante camaronês tinha trinta e dois anos. Este era habitante da cidade de Tiko, localizada no sudoeste de Camarões, região anglófona do país. O mesmo mencionou trabalhar como técnico em reparo de celulares e relatou nunca haver interagido com brasileiros e, portanto, não era familiarizado com falar em inglês do brasileiro.<sup>2</sup>

### 2.2 COLETA DE DADOS

Esta pesquisa envolveu dois tipos de coleta de dados. O primeiro foi realizado entre os meses de agosto e setembro de 2013 com apoio do PIBIC/CNPq/UFCG e envolveu apenas os graduandos brasileiros. Essa primeira parte dividiu-se em três etapas.

---

<sup>1</sup> Para maiores informações sobre o programa, acessar <[http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=530id=12276option=com\\_contentviewmost](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=530id=12276option=com_contentviewmost)>.

<sup>2</sup> As informações sobre ambos os ouvintes aqui apresentadas (relacionadas a educação, ocupação e região onde habitam) foram fornecidas pelos próprios ouvintes.

Na primeira etapa, os graduandos foram áudio-gravados falando livremente sobre dois dos seguintes tópicos: (1) *Is Brazil ready to host the World Cup and the Olympic Games?* (2) *If you could go abroad for one whole year, where would you choose to go? Why?* (3) *What was the thing you liked the least/did not like about school? Why?* (4) *If you found out you had only one month to live, how would you spend this time?* e (5) *An unforgettable experience I have had.*

Na segunda etapa, a fala dos graduandos foi ouvida e palavras contendo aspectos de pronúncia que caracterizam o protótipo do inglês brasileiro foram identificadas e transcritas foneticamente<sup>3</sup>.

Por fim, as produções orais dos graduandos foram editadas e divididas em amostras que continham as palavras pronunciadas com traços do inglês falado pelos brasileiros. Para a edição das amostras, utilizamos o programa multiplataforma *Audacity* 2.1.2<sup>4</sup>, por meio do qual selecionamos um total de dezenove amostras (ver Anexo I). Para a seleção de tais amostras, dois critérios foram utilizados: o primeiro, com base nos resultados do estudo de Wang (1987 apud CRUZ, 2004), é que elas não deveriam conter inadequações lexicais; e o segundo, com base nos resultados do estudo de Tomyiama (1980 apud CRUZ, 2004), é que elas também não deveriam conter inadequações gramaticais, visto que, de acordo com os estudos citados, estas podem interferir na inteligibilidade. A qualidade do áudio também foi levada em consideração, uma vez que, para que os ouvintes tivessem o mínimo de interferência ao ouvi-las, estas deveriam estar claras o suficiente e ter o mínimo de ruído.

Além das amostras selecionadas, duas outras amostras produzidas por falantes nativos<sup>5</sup> foram inseridas, a fim de desenfadar os ouvintes durante a etapa seguinte da coleta de dados: a primeira após a Amostra 7 e a segunda após a Amostra 15 (ver Anexo I).

A segunda coleta dividiu-se em duas etapas e foi realizada com os dois camaroneses ouvintes: um familiarizado<sup>6</sup> e outro não familiarizado com o inglês falado por brasileiros.

Primeiramente, os participantes foram solicitados a ouvir cada amostra produzida pelos aprendizes brasileiros uma vez e transcrevê-las ortograficamente. Em seguida, após serem apresentados às transcrições ortográficas das amostras em questão, os participantes

---

<sup>3</sup> A fim de esclarecer as variações de pronúncia do inglês falado pelos brasileiros, utilizamos a variedade RP (*Received Pronunciation*) como referência para fins comparativos, visto que esta é descrita em livros e dicionários de pronúncia do inglês. Segundo Roach (1983), o RP é a variedade "... mais frequentemente recomendada para aprendizes estrangeiros do inglês britânico" (p. 4). Além disso, para obter a transcrição fonêmica dos vocábulos analisados, foi utilizado o *Cambridge Dictionary*, disponível no endereço <<http://dictionary.cambridge.org/>>.

<sup>4</sup> Audacity é um programa multiplataforma, livre e de código aberto, utilizado para gravar e editar áudios. Para mais informações sobre o programa, acessar <<http://www.audacityteam.org/>>.

<sup>5</sup> Extraídas de vídeos do Youtube, respectivamente disponíveis nos links <[https://www.youtube.com/watch?v=hNa\\_Id\\_0tA](https://www.youtube.com/watch?v=hNa_Id_0tA)> e <<https://www.youtube.com/watch?v=-iO8-9WXV5g>>.

<sup>6</sup> A coleta realizada com o ouvinte familiarizado também foi realizada em 2013 com o apoio do PIBIC/CNPq/UFCC.

foram solicitados a identificar a(s) palavra(s) que consideraram *difícil*, *muito difícil* ou *impossível de compreender*<sup>7</sup>, e, se possível, explicarem o motivo pelo qual consideraram a(s) palavra(s) difícil, muito difícil ou impossível de entender.

A coleta com o ouvinte familiarizado foi realizada presencialmente em novembro de 2013 e, para garantir a qualidade da reprodução das amostras, esta deu-se em um ambiente fechado, no qual as amostras foram reproduzidas por um rádio portátil *Epe* com as seguintes especificações: 45Hz/4OU/5W RMS. A coleta com o ouvinte não familiarizado, por sua vez, foi realizada remotamente em dezembro de 2016, via aplicativo WhatsApp. A fim de evitar que o ouvinte se familiarizasse com o falar em inglês do brasileiro, todo o contato com o ele foi feito por escrito, e para garantir a qualidade da reprodução das amostras, o ouvinte foi solicitado a usar fones de ouvido ao reproduzi-las.

### 3 DEFINIÇÕES DE INTELIGIBILIDADE

Os conceitos em torno do termo inteligibilidade são variados. Segundo Jenkins (2000), inteligibilidade “pode significar coisas diferentes para pessoas diferentes”<sup>8</sup>.

Dentre as definições de inteligibilidade existentes, é importante ressaltar a primeira delas, proposta por Catford (1950 apud CRUZ, 2007, p. 150), que distingue inteligibilidade de eficácia<sup>9</sup>. Para o autor, a fala é inteligível “se o ouvinte entende as palavras, como por exemplo, se sua resposta for apropriada às formas linguísticas do enunciado”<sup>10</sup>; e por eficácia, sugere “a compreensão do ouvinte da intenção do falante”<sup>11</sup>.

Diferentemente de Catford, Smith e Nelson (1985 apud CRUZ, 2007, p. 151) propõem três termos: inteligibilidade, compreensibilidade e interpretabilidade<sup>12</sup>. Por inteligibilidade, os autores sugerem “o reconhecimento de palavras/elocuções”<sup>13</sup>. Para eles “a inteligibilidade de uma passagem lida é alta se o leitor é capaz de copiar a passagem ou preencher os espaços das palavras que faltam sem muita dificuldade”<sup>14</sup>. Por

---

<sup>7</sup> Coleta adaptada de Silva (2000), que investigou a inteligibilidade da pronúncia de falantes brasileiros de inglês para ouvintes de ILE

<sup>8</sup> “... it can mean different things to different people” (p. 69).

<sup>9</sup> *Effectiveness* termo proposto por Cartford (1950).

<sup>10</sup> “if the hearer understands the words, i.e. if his response is appropriate to the linguistic forms of the utterance.” (p. 150).

<sup>11</sup> “... the hearer’s grasping of the speaker’s intention” (p. 150).

<sup>12</sup> Tradução dos termos *Comprehensibility* e *interpretability* propostos por Smith e Nelson (1985)

<sup>13</sup> “word/utterance recognition” (p. 151).

<sup>14</sup> “The intelligibility of a passage read is high if the reader is able to copy the passage or fill in the blanks of the missing words without much difficulty” (p. 151).

compreensibilidade, entende-se “o significado de uma palavra ou elocução”<sup>15</sup>, ou seja, há compreensibilidade quando o leitor é capaz de dar sentido ao que é lido ou parafraseá-lo. Por fim o termo interpretabilidade, que segundo os autores é “o significado implícito em uma palavra ou elocução”<sup>16</sup>, que ocorre quando o leitor é capaz de identificar a intenção do locutor.

Uma vez que nossa coleta de dados consiste no reconhecimento de palavras/elocuições por parte dos ouvintes, sem levar em consideração o contexto situacional ou a intenção do locutor, optamos por adotar no presente estudo a definição de inteligibilidade mais adequada, aquela proposta por Smith e Nelson.

#### **4 VARIÁVEIS RELACIONADAS AO OUVINTE**

Em seus estudos, Kenworthy (1987) faz um importante questionamento: quem está apto a julgar a inteligibilidade?

De acordo com a autora, um professor de línguas de uma sala multinacional é exposto a uma grande variedade de sotaques, o que torna baixo seu limiar de inteligibilidade. Dessa maneira, é esperado que um falante não nativo seja mais inteligível para um professor de línguas experiente do que para qualquer outra pessoa. Seria o professor, então, a pessoa certa para julgar se os estudantes são ou não inteligíveis? Após fazer tal questionamento, Kenworthy (op. cit.) sugere que, ao invés de serem julgados por professores, os estudantes deveriam julgar a inteligibilidade um do outro através de interações entre si.

Segundo Field (2003), ao adotarmos a solução de Kenworthy, é preciso compreender que a comunicação é uma ação bilateral, que envolve o ouvinte tanto quanto o falante. Neste contexto, se um professor de línguas é influenciado por suas experiências prévias, certamente um estudante também pode ser, pois, de acordo com Field (op. cit., p. 36) “a maneira como escutamos é um produto de nossa experiência prévia como ouvintes”<sup>17</sup>.

Para exemplificar a importância de como nossas experiências como ouvintes podem influenciar na inteligibilidade em uma conversa, Field (op. cit.) sugere três interações hipotéticas envolvendo estudantes de nível intermediário de inglês: a primeira entre um ouvinte alemão e um falante holandês; a segunda entre um ouvinte alemão e um falante árabe, o primeiro árabe com quem o ouvinte alemão tem contato; e a terceira entre um ouvinte

---

<sup>15</sup> “*The meaning of a word or an utterance*” (p. 151).

<sup>16</sup> “*meaning behind the word or utterance*” (p. 151).

<sup>17</sup> “*The way we listen is very much a product of our previous experience as listeners.*” (p. 36)

holandês que viveu no Kuwait e um falante árabe. Segundo o autor, os resultados seriam relativamente previsíveis. Na primeira interação, o ouvinte alemão provavelmente julgaria a pronúncia do falante holandês inteligível, uma vez que a similaridade entre suas línguas maternas faria com que suas variedades do inglês tivessem semelhanças. Já na segunda interação, o ouvinte alemão possivelmente teria dificuldade em compreender a pronúncia do falante árabe, visto que não teve experiências prévias com este tipo de falante. Diferentemente do ouvinte alemão da segunda interação, o ouvinte holandês da terceira interação provavelmente julgaria a pronúncia do falante árabe altamente inteligível, devido a sua experiência prévia com falantes árabes. Isso ocorre, segundo o autor, pois, ao serem expostos a diferentes sotaques, os ouvintes constroem um repertório ou um conjunto de tolerâncias, que tende a se expandir a cada nova experiência.

A partir do exposto, Field (op. cit.) ressalta a importância de considerar variáveis relacionadas ao ouvinte quando se trata de estudos em inteligibilidade. Algumas destas variáveis são: as representações fonológicas do ouvinte; a familiaridade do ouvinte com a variedade do falante; as similaridades entre as línguas nativas do falante e do ouvinte; e o nível de conhecimento da língua estrangeira do ouvinte comparado ao do falante.

Sendo assim, no presente estudo, levamos em consideração as experiências prévias dos ouvintes com o falar em inglês dos brasileiros, visto que um deles residia no Brasil na época da coleta e, portanto, era familiarizado com aspectos da pronúncia do brasileiro. Além disso, com base nos apontamentos de Field citados, também consideramos importantes as similaridades entre as pronúncias (não as línguas nativas) do falante e do ouvinte, uma vez que ambas são descritas pela literatura.

## **5 ASPECTOS DA PRONÚNCIA DO FALAR EM INGLÊS DO BRASILEIRO**

Esta seção é dedicada aos aspectos de pronúncia da língua inglesa que causam dificuldades para falantes brasileiros. Aqui, abordaremos não apenas tais dificuldades, mas também os sons produzidos pelos brasileiros em consequência delas, tendo como base estudos relevantes na área de pronúncia.

A fim de facilitar a compreensão dos aspectos que serão tratados, esses foram divididos em quatro categorias: consoantes, vogais, inserção de vogal e acentuação.

## 5.1 CONSOANTES

A categoria consoantes foi subdividida em seis outras categorias, são elas: oclusivas, fricativas, africadas, lateral, nasais e aproximantes, que serão descritas abaixo separadamente.

### 5.1.1 Oclusivas

Entre as consoantes oclusivas da língua inglesa que causam dificuldade para o aprendiz brasileiro, temos as oclusivas desvozeadas /p/, /t/ e /k/, de acordo com Mascherpe (1970) e Lieff e Nunes (1993). Esses fonemas também fazem parte do sistema sonoro da língua portuguesa, porém, segundo os autores, a produção dos mesmos diverge em alguns aspectos nas duas línguas.

Em inglês, quando /p/, /t/ e /k/ ocorrem em posição inicial de vocábulo seguidos de vogal tônica, esses são produzidos de forma aspirada e, por isso, apresentam os alofones [p<sup>h</sup>], [t<sup>h</sup>] e [k<sup>h</sup>], respectivamente.

Diferentemente do inglês, em português os três fonemas em questão não são produzidos de forma aspirada. Além disso, enquanto /t/ tem articulação alveolar em inglês, o mesmo possui articulação dental em português. Tais aspectos dificultam a produção de /p/, /t/ e /k/ para aprendizes brasileiros, que tendem a usar as versões de tais sons presentes no sistema sonoro do português.

### 5.1.2 Fricativas

Segundo Mascherpe (1970), Lieff e Nunes (1993) e Baptista (2001), as fricativas dentais /θ/ e /ð/, mais conhecidas como os sons do “th” do inglês, não existem no sistema sonoro do português. Devido a isso, os aprendizes brasileiros tendem a substituir o fonema /θ/ por [f] (Lieff e Nunes, 1993), [t] ou [s] (Mascherpe, 1970; e Lieff e Nunes, 1993), enquanto que o fonema /ð/ tende a ser substituído por [v] (Lieff e Nunes, 1993), [d] ou [z] (Mascherpe, 1970 e Lieff e Nunes, 1993). Sendo assim, uma palavra como *think* pode ser pronunciada [tɪŋk] ou [sɪŋk], como sugerido por Mascherpe (1970 p. 73).

### 5.1.3 Africadas

Por influência da grafia, as consoantes africadas /tʃ/ e /dʒ/ causam dificuldades para os falantes brasileiros de inglês, como aponta Lieff e Nunes (1993). A grafia “ch”, em inglês, é comum para a africada /tʃ/, como nas palavras *church* e *much* (Lieff e Nunes, 1993 p. 24), enquanto que, em português, a mesma grafia é associada à fricativa [ʃ]. Da mesma forma, “j” e “g” são grafias comuns para a africada /dʒ/ em inglês, como em *judge* e *gin* (Lieff e Nunes, 1993 p. 24), enquanto que, em português, tais grafias são geralmente associadas à fricativa [ʒ].

Além disso, em algumas variedades do português brasileiro, conforme Lieff e Nunes (1993) e Baptista (2001), as consoantes africadas /tʃ/ e /dʒ/ são respectivamente alofones de [t] e [d] quando estas ocorrem antes da vogal [i] em palavras como *tia* e *dia*, que são pronunciadas como [tʃiɐ] e [dʒiɐ], respectivamente, o que pode causar confusão na distinção de pares de palavras como *tease/cheese* e *deep/jeep* (Baptista, 2001 p. 225).

### 5.1.4 Lateral

A consoante lateral /l/ do inglês, quando ocorre em posição final de sílaba seguida de consoante ou em posição final de vocábulo, possui o alofone [ɫ], de acordo com Silva (2005). Uma vez que tal consoante não faz parte do sistema sonoro do português, os falantes brasileiros tendem a substituí-la pela aproximante [w], como apontam Mascherpe (1970) e Lessa (1985). O vocábulo *milk*, nesse caso, tende a ser pronunciado [miwk] (Mascherpe, 1970 p. 76). Além disso, segundo Baptista (2001), quando ocorre nas posições anteriormente mencionadas, a consoante /l/ pode ser substituída pela vogal [u].

### 5.1.5 Nasais

Quando ocorrem em posição final de vocábulo em português, conforme Mascherpe (1970) e Baptista (2001), as consoantes nasais /m/ e /n/ tendem a ser omitidas pelos falantes brasileiros, que nasalizam a vogal que as antecede. De acordo com os autores, tal processo tende a ser transferido para o inglês, o que faz com que não haja distinção entre pares de palavras como *them* e *then* (Mascherpe, 1970 p. 77).

A consoante nasal /ŋ/ não existe no sistema sonoro da língua portuguesa, o que também faz com que os aprendizes brasileiros a omitam e nasalizem a vogal que a precede. Nesse sentido, a palavra /sɪŋ/ tende a ser produzida como [sĩŋ] (Mascherpe, 1970, p. 76).

### 5.1.6 Aproximantes

As aproximantes /w/ e /r/ causam dificuldades para os aprendizes brasileiros. Sendo assim, /w/ tende a ser substituído por [u] quando esta ocorre em início de sílaba, como no caso da palavra *work* /wɜ:k/, por vezes pronunciada [uɜ:k] (Mascherpe, 1970 p. 77); e o fonema /r/ tende a ser pronunciado como /h/ em início de vocábulo, não havendo distinção entre pares de palavras como *right/height* e *rat/hat* (Lieff e Nunes, 1993 p. 23).

## 5.2 VOGAIS

Uma das maiores dificuldades para aprendizes de uma língua estrangeira, de acordo com Baptista (2001), são as vogais, principalmente se a língua alvo possui mais vogais que a língua nativa do aprendiz, como no caso do inglês em relação ao português.

Lieff e Nunes (1993) resumem as dificuldades do falante brasileiro com relação às vogais do sistema sonoro do inglês, como mostra o Quadro 1.

Quadro 1 - Substituição de vogais pelo falante brasileiro de inglês

<b>Vogais do RP substituídas</b>	<b>Vogal do português brasileiro utilizada</b>
/ɪ/ e /i:/	[i]
/e/ e /æ/	[ɛ]
/ʌ/ e /ɑ:/	[a]
/ɒ/ e /ɔ:/	[ɔ]
/ʊ/ e /u:/	[u]

Fonte: Adaptado de LIEF E NUNES (1993, p.24).

### 5.3 INSERÇÃO DE VOGAL

Devido aos diferentes tipos de inserção de vogal, a presente seção foi subdividida em três categorias: inserção final de vogal, inserção inicial de vogal e -ed final, que serão tratadas a seguir.

#### 5.3.1 Inserção final de vogal

As consoantes oclusivas /p/, /t/, /k/, /b/, /d/ e /g/ e as fricativas /f/, /v/, /ʃ/ e /ʒ/ ocorrem em posição final de vocábulo em inglês. Porém, essas consoantes não ocorrem nessa posição em português. Tal fato leva os falantes brasileiros de inglês a inserirem uma vogal final em palavras como *cap* e *book*, pronunciadas respectivamente como ['kæpi] e ['buki] (Mascherpe, 1970 p. 72).

#### 5.3.2 Inserção inicial de vogal

De acordo com Mascherpe (1970), encontros consonantais iniciados pelo segmento /s/ não ocorrem no sistema sonoro do português, o que leva os aprendizes brasileiros a inserirem a vogal /ɛ/ em posição inicial em palavras como *spend* e *sport*, respectivamente produzidas como [ɛs'pɛnd] e [ɛs'pɔrt] (Mascherpe, 1970 p. 74). A vogal /i/ também pode ser inserida em posição inicial por esses falantes em tais encontros consonantais, e a palavra *sport* também podem ser pronunciada como [i]sport, conforme apontam Lieff e Nunes (1993 p. 23).

Ainda em encontros consonantais iniciados pelo fonema /s/, além da inserção de vogal, o fonema /s/, quando ocorre antes das consoantes nasais /m/ e /n/ e da lateral /l/, tende a ser vozeado, sendo então produzido como [z] em palavras como *small*, que tendem a ser pronunciada como [izmɔw] (Rebello, 1997 p. 184).

#### 5.3.3 -Ed final

Por influência da grafia, uma vogal também pode ser adicionada na pronúncia dos verbos terminados em -ed, conforme Lieff e Nunes (1993). Os finais /t/ e /d/ desses verbos podem ser substituídos por [ed] (Lessa, 1985), [ɪd] (Lieff e Nunes, 1993; Baptista 2001) ou

mesmo [əd] (Baptista, 2001).<sup>18</sup> Palavras como *baked* e *worked* tendem a ser pronunciadas como [beɪkɪd] e [wɜ:kɪd], diferentemente de suas versões no RP, /beɪkt/ e /wɜ:kt/, respectivamente.

#### 5.4 ACENTUAÇÃO

De acordo com Baptista (2001), tanto o inglês quanto o português possuem acentuação distintiva, ou seja, em certos casos, a acentuação é o único aspecto que distingue palavras que possuem a mesma grafia, como no caso das palavras *sábia*, *sabia* e *sabiá* do português, e a palavra *'record* e *re'cord* do inglês (Baptista 2001 p.228). Apesar dessa semelhança, a acentuação de palavras constitui um aspecto problemático da língua inglesa para falantes brasileiros, pois há três características importantes que distinguem a acentuação em português da acentuação em inglês.

A primeira, segundo Lieff e Nunes (1993), é o fato de que, em inglês, a vogal /ə/ pode ser representada por letras diferentes, diferentemente do português, que tende a seguir o padrão “um som – uma letra” (p. 24), o que leva os aprendizes brasileiros a substituí-la pelo som da vogal a qual ela corresponde ortograficamente.

A segunda é a acentuação secundária, que tem a função de diferenciar verbos de substantivos, como no exemplo fornecido por Baptista (2001 p. 228) da palavra *graduate*, em que é através da acentuação secundária que *'graduate* (substantivo) se difere de *'gradu<sub>1</sub>ate* (verbo).

A terceira é a redução de vogais não acentuadas. Estas se tornam /ɪ/ ou /ə/, como no substantivo *'graduate*, em que as vogais /e/ e /ɪ/ ao não serem acentuadas são reduzidas e, portanto, /'grædʒu<sub>1</sub>eɪt/ se torna /'grædʒuət/ (Baptista, 2001 p. 228).

## 6 INGLÊS CAMARONÊS

Camarões é um país localizado na África Central, que tem o inglês como uma de suas línguas oficiais junto ao francês. Tal país também possui uma grande variedade de línguas locais, de acordo com Atechi (2004), línguas estas que normalmente são aprendidas

---

<sup>18</sup> Os verbos regulares com final /ɪd/ em inglês não recebem vogal adicional.

antes do inglês, que é tido como segunda língua. Apesar disso, segundo o autor, o inglês camaronês atualmente é aceito e reconhecido como variedade nacional, assim como outras variedades não nativas do inglês.

Uma vez que em nossa coleta de dados percebemos aspectos de pronúncia semelhantes entre o inglês falados pelos brasileiros e o inglês camaronês, faz-se necessária a descrição dos mesmos, visto que esses serão necessários em nossa análise.

Nesta seção, a partir da descrição de Atechi (op. cit.) do inglês camaronês, apresentaremos as características de pronúncia relacionadas primeiramente a vogais e consoantes e em seguida a acentuação.

## 6.1 VOGAIS E CONSOANTES

No inglês camaronês, as vogais /i/ e /i:/ do RP tendem a ser substituídas pela vogal curta /i/, que de acordo com o Atechi (op. cit.), faz com que pares de palavras como *sit/seat*, *hit/heat*, *fit/feet* se tornem homófonas, sendo possível diferenciá-las apenas na escrita.

Conforme Atechi (op. cit.), os falantes camaroneses de inglês substituem as fricativas dentais /θ/ e /ð/ pelas oclusivas [t] e [d] respectivamente. Ainda segundo o autor, diferentemente do RP o inglês camaronês não possui a lateral [ɫ] ou /l/ escuro, sendo o /l/ claro realizado até mesmo em posição final<sup>19</sup>.

Com base na descrição de Atechi, é possível perceber que há semelhanças entre as vogais e consoantes do inglês camaronês e do falar em inglês do brasileiro. Uma delas é a substituição das vogais /i/ e /i:/ do RP pela vogal /i/, que também ocorre com os falantes brasileiros de inglês, como mencionado anteriormente. Em relação às consoantes, o falante brasileiro de inglês também pode substituir as fricativas /θ/ e /ð/ pelas oclusivas /t/ e /d/, entre outras consoantes.

## 6.2 ACENTUAÇÃO

De acordo com Honey (1989 apud ATECHI, 2004), o inglês indiano revolucionou os padrões de acentuação da língua inglesa, que Simo Bobda (1994 apud ATECHI, 2004) observou ser não só uma particularidade do sotaque indiano, “mas uma característica de

---

<sup>19</sup> Termos “l claro” e “l escuro” de acordo com Silva (2005).

sotaques não nativos em todo o mundo”<sup>20</sup>, o que também pode ser aplicado ao inglês camaronês. Deste modo, é importante destacarmos algumas das características de acentuação mais relevantes desta variedade.

Segundo Bobda e Mbangwana (1993 apud ATECHI, 2004), diferentemente do RP, que costuma ter uma acentuação anterior<sup>21</sup>, a acentuação no inglês camaronês pode se estabelecer uma, duas ou até três sílabas após a sílaba que é acentuada na variedade RP, como na Quadro 2 a seguir:

Quadro 2 – Variação de acentuação do inglês camaronês 1

RP	Inglês Camaronês
'ancestor	an'cestor
'petrol	pe'trol
'Sammy	Sam'my

**Fonte:** Atechi, 2004 (p. 95).

Em alguns casos a acentuação pode ocorrer uma ou duas sílabas antes de sua posição no RP, como no Quadro 3 a seguir:

Quadro 3 - Variação de acentuação do inglês camaronês 2

RP	Inglês Camaronês
a'cute	'acute
ex'treme	'extreme
a'greement	'agreement

**Fonte:** Atechi, 2004 (p. 95).

Ainda de acordo com Bobda e Mbangwana (op. cit.), na variedade RP palavras compostas costumam ter sua acentuação primária no primeiro elemento<sup>22</sup>, porém, no inglês camaronês a acentuação primária costuma ser no segundo elemento, como nos exemplos fornecidos: *fire'wood* e *white'wash* (p. 96).

<sup>20</sup> “... but a characteristic of non-native accents across the globe” (p. 95).

<sup>21</sup> Adaptação do termo *Backward stress*, segundo Bobda e Mbangwana (1994).

<sup>22</sup> Tradução literal de *element*, neste contexto usado pelo autor como sinônimo da palavra *termo*.

Diante do exposto, é possível perceber que não há um padrão de acentuação definido no inglês camaronês. Como discutido anteriormente (ver item 4), uma vez que consideraremos neste estudo as variedades relacionadas ao ouvinte, dentre as quais está inclusa a variedade do falante bem como a do ouvinte segundo Field (2003), compreender alguns dos aspectos do inglês camaronês contribuirá para a nossa análise.

## 7 ANÁLISE DE DADOS

Na presente pesquisa, os dados analisados estão agrupados em quatro categorias, são elas: (1) substituição de vogal e consoante, (2) inserção de vogal (dividida em três subcategorias: em posição inicial de vocábulo, em posição final de vocábulo e -ed final), (3) acentuação de palavras e (4) vocábulo *culture*. Em cada uma das dezenove amostras, selecionamos um vocábulo que será o foco de análise. Portanto, serão analisados aqui dezenove vocábulos.

Nesta análise, evidenciaremos as características dos vocábulos analisados, apontando os aspectos que caracterizam o falar em inglês do brasileiro. Além disso, com base nos dados coletados com os dois ouvintes, também analisaremos como se deu a (in)inteligibilidade desses vocábulos para cada ouvinte, contrastando os resultados obtidos com ambos.

A fim de facilitar a compreensão de nossa análise, nomeamos nossos ouvintes, sendo o **ouvinte 1** aquele familiarizado com o inglês falado pelos brasileiros, e o **ouvinte 2** aquele não familiarizado.

### 7.1 SUBSTITUIÇÃO DE VOGAL E CONSOANTE

#### 7.1.1 *Reach*

Na amostra 4 (“*it’s hard, it’s harder to reach it*”), o vocábulo *reach* foi pronunciado [hiʃ] por uma graduanda brasileira, diferentemente de sua pronúncia no RP, /ri:tʃ/. Na pronúncia da graduanda, é possível perceber a substituição da consoante aproximante /r/ e da africada /tʃ/ pelas fricativas glotal [h] (ver item 5.1.6) e palatal [ʃ] (ver item 5.1.3),

respectivamente. Também é possível notar a substituição da vogal longa /i:/ pela vogal curta [i] (ver item 5.2).

No espaço reservado para a transcrição da amostra, o ouvinte 1 escreveu: “*It’s hard it’s hard...*” e considerou o vocábulo difícil de entender. Após ser apresentado à transcrição da amostra, o ouvinte justificou que o vocábulo *reach* não foi bem pronunciado, sinalizando sua dificuldade em compreendê-lo.

Assim como o ouvinte 1, o ouvinte 2 também não compreendeu o vocábulo *reach*, que é possível verificar em sua transcrição: “*Its [sic] hard, hard to get*”. Após ouvir a amostra novamente e ser questionado sobre o nível de dificuldade de sua compreensão de *reach*, o ouvinte 2 escreveu o seguinte comentário: “*Hard, but comparing the two (reach and “heesh”) I think it is impossible*”, no qual considera o vocábulo em questão impossível de entender. Ainda sobre a amostra, o ouvinte justificou: “*The sound resembled get to me*”, afirmando que *reach* soou como *get*.

Diante disso, podemos perceber que a pronúncia do brasileiro do vocábulo *reach* se mostrou ininteligível, tanto para o ouvinte familiarizado como para o não familiarizado. Além disso, mesmo ambos não tendo compreendido o vocábulo, notamos que os ouvintes tiveram opiniões divergentes acerca da compreensão deste: enquanto o ouvinte 1 o considerou difícil, o ouvinte 2 o considerou impossível de entender, que pode ser justificado pela familiaridade que o ouvinte 1 possui com o falar em inglês dos brasileiros.

### **7.1.2 School**

Na amostra 18 (“*I don’t need school*”), o vocábulo *school* foi pronunciado [sku]. É possível perceber que, diferentemente de suas pronúncias no RP, /sku:l/, o vocábulo teve a consoante lateral /l/ substituída pela vogal [u] (ver item 5.1.4).

O vocábulo *school* foi compreendido por apenas um dos ouvintes, o ouvinte 1, que transcreveu a amostra 18 corretamente (ver anexo). O ouvinte 2, por sua vez, transcreveu a amostra como “*I don’t need to go*” e considerou *school* difícil de entender. Após ser questionado sobre por que não compreendeu *school* corretamente, o ouvinte 2 comentou: “*That I think the school was like to go*”.

Com base no exposto, é possível notar que a substituição da consoante lateral /l/ em *school* não causou dificuldade para o ouvinte 1, familiarizado com o falar em inglês dos brasileiros. Contudo, tal aspecto de pronúncia parece ter afetado a inteligibilidade do

vocábulo para o ouvinte 2, não familiarizado com o inglês dos brasileiros, visto que *school* foi o único vocábulo que o ouvinte em questão não compreendeu corretamente na amostra 18.

### 7.1.3 *Whole, think, bad e thing*

Diferentemente dos vocábulos *reach* e *school*, analisados anteriormente, *whole, think, bad* e *thing* foram todos compreendidos corretamente por ambos os ouvintes (ver Anexo II) apesar das características de pronúncia do falar em inglês do brasileiro, descritas no Quadro 4 a seguir.

Quadro 4 – Vocábulos compreendidos por ambos os ouvintes

<b>Amostra/Vocábulo</b>	<b>Pronúncia do vocábulo no RP</b>	<b>Pronúncia dos graduandos brasileiros</b>	<b>Aspecto de pronúncia do falar em inglês do brasileiro</b>
(12) <i>Whole</i>	/həʊl/	[how]	Substituição da lateral alveolar vozeada /l/ pela aproximante [w] (ver item 5.1.4).
(14) <i>Think</i>	/θɪŋk/	[fɪk]	Substituição da fricativa dental desvozeada /θ/ pela fricativa labiodental desvozeada [f] (ver item 5.1.2) e nasalização da vogal [i] (ver item 5.1.5).
(15) <i>Bad</i>	/bæd/	[bɛd]	Substituição da vogal /æ/ pela vogal [ɛ] (ver item 5.2).
(17) <i>Thing</i>	/θɪŋ/	[fɪŋ]	Substituição da fricativa dental desvozeada /θ/ pela oclusiva alveolar desvozeada [t] (ver item 5.1.2) e nasalização da vogal [i] (ver item 5.1.5).

No Quadro 1 podemos observar como a pronúncia dos vocábulos pelos graduandos brasileiros divergiu daquela do RP. Em meio aos aspectos descritos, é possível observar que

dois deles também são descritos por Atechi (2004) como aspectos de pronúncia do inglês camaronês, são eles: a substituição da vogal /æ/ pela vogal [ɛ] e a substituição da consoante fricativa /θ/ pela oclusiva [t] (ver item 6.1).

No presente estudo, os aspectos de pronúncia de *whole*, *think*, *bad* e *thing*, descritos anteriormente, não impediram a inteligibilidades dos mesmos para os dois ouvintes participantes (familiarizado e não familiarizado com o inglês falado pelos brasileiros), visto que ambos transcreveram os quatro vocábulos corretamente.

## 7.2 INSERÇÃO DE VOGAL

### 7.2.1 em posição inicial de vocábulo

#### 7.2.1.1 *Small*

Na amostra 3 (“*I prefer small cities ‘cause*”), *small*, pronunciado [iz'mɔw] por um graduando brasileiro, diverge do RP /smɔ:l/ pela inserção inicial da vogal [i], pelo vozeamento do seguimento /s/ que resultou em [z] (ver item 5.3), bem como pela substituição da consoante lateral /l/ pela aproximante [w] (ver item 5.1.4).

O ouvinte 1 compreendeu a amostra em questão e a transcreveu como “*I prefer small cities because*”, diferentemente do ouvinte 2, que a transcreveu como “*I prepare multiple cars*” e considerou o vocábulo *small* muito difícil de entender. Após ser questionado sobre o porquê de ter escrito *multiple*, o ouvinte 2 comentou: “*I just gave what I thought it resembles*”, justificando que foi apenas o que ele conseguiu interpretar da amostra após ouvi-la.

O fato de que apenas o ouvinte familiarizado (ouvinte 1) conseguiu compreender *small* da forma como ele foi pronunciado, sugere que a familiaridade que ele possui com o falar em inglês do brasileiro tenha contribuído para a compreensão do vocábulo, uma vez que o único segmento de *small* compreendido pelo ouvinte 2 foi a consoante nasal bilabial /m/, que está presente em ambos *small* e *multiple*.

### 7.2.1.2 *Speechless*

Na amostra 7 (“*I was speechless*”), *speechless* foi pronunciado como [is<sup>1</sup>pitʃles] por uma graduanda brasileira, que inseriu a vogal [i] no início do vocábulo (ver item 5.3), que difere de sua pronúncia no RP, /<sup>1</sup>spi:tʃləs/.

No espaço reservado para a transcrição da amostra, o ouvinte 1 escreveu: “*I was sti...*”, e justificou sua dificuldade em entender o vocábulo no seguinte comentário por escrito: “*the fact that she added a vowel at the beginning of the word speechless*<sup>23</sup>”, no qual aponta a inserção de vogal inicial. O ouvinte em questão também considerou o vocábulo difícil de entender. Apesar de *speechless* não ter sido compreendido corretamente, o ouvinte 1 deixa claro a partir de sua transcrição e de seu comentário, sua familiaridade com o esse aspecto do falar em inglês do brasileiro.

Assim como o ouvinte 1, o ouvinte 2 também não compreendeu a amostra 7 e a transcreveu como “*I was in this place*”. Ao ser apresentado à transcrição da amostra, o ouvinte considerou *speechless* muito difícil de entender.

Ao ser questionado sobre sua transcrição, o ouvinte 2 explicou sua estratégia e justificou por que escreveu “*in this place*” no seguinte comentário: “*I was trying to make sense from the voice following the syllables. She used three syllables so I brought three syllables which made sense to me under the short time frame*”<sup>24</sup>, no qual esclarece que estava tentando captar o número de sílabas pronunciadas. Uma vez que a graduanda brasileira adicionou uma vogal e conseqüentemente uma sílaba extra à palavra *speechless*, que possui duas sílabas em sua pronúncia no RP, o ouvinte 2 usou as três palavras monossilábicas “*in this place*”, equivalentes às três sílabas que ouviu, o que fez sentido para ele no curto espaço de tempo que teve para transcrever a amostra.

Com base nos comentários dos ouvintes, podemos perceber que a inserção inicial de vogal no vocábulo *speechless* fez com que o mesmo fosse ininteligível na amostra 7, tanto para o ouvinte familiarizado como para o não familiarizado, ou seja, a familiaridade com o falar em inglês falado pelo brasileiro não foi suficiente para que o ouvinte 1 compreendesse *speechless* corretamente, diferentemente do que ocorreu com *small* na amostra 3, analisada anteriormente.

---

<sup>23</sup> O fato de ela ter adicionado uma vogal no início da palavra *speechless*.

<sup>24</sup> Eu estava tentando entender a voz seguindo as sílabas. Ela usou três sílabas então eu usei três sílabas que fizeram sentido para mim naquele curto espaço de tempo.

### 7.2.1.3 *Speaks*

Na amostra 13 (“*my cousin speaks fluently*”), o vocábulo *speaks* foi pronunciado [is<sup>l</sup>ˈpiks], com inserção inicial da vogal [i], diferentemente do RP /spi:ks/.

Da forma como foi pronunciado, o vocábulo *speaks* foi compreendido como *speak* pelo ouvinte 1, que transcreveu a amostra como “*you may start to speak fluently*”. O ouvinte 2, por sua vez, não compreendeu a amostra corretamente e a transcreveu como “*my cousin is sick flying sick*”. O ouvinte 2 considerou *speaks* difícil de entender.

Na transcrição do ouvinte 2, é possível perceber que os vocábulos “*is sick*” correspondem a *speaks* da transcrição original, pois aparecem logo após o vocábulo *cousin*. Sendo assim, vemos que a inserção da vogal inicial [i] em *speaks* provavelmente levou o ouvinte em questão a escolher um vocábulo em seu repertório que iniciasse com o mesmo som que havia escutado, nesse caso a sílaba [is], o que comprometeu a inteligibilidade do vocábulo.

É possível perceber, com base nos dados analisados anteriormente, que apenas o ouvinte 1 compreendeu o vocábulo *speaks*, assim como ocorreu com *small*. Mesmo não tendo compreendido o começo da amostra e transcrito *speaks* como *speak*, fica clara a familiaridade do ouvinte 1 com o aspecto inserção inicial de vogal do inglês falado por brasileiros.

## 7.2.2 Em posição final de vocábulo

### 7.2.2.1 *Public*

O vocábulo *public* na amostra 2 (“*public education eh health and public transportation*”), diferentemente do RP /ˈpʌblɪk/, foi pronunciado [ˈpʌblɪki], com inserção final da vogal [i]. Também é possível verificarmos a substituição da vogal /ɪ/ pela vogal [i] (ver item 5.3).

No espaço reservado para a transcrição da amostra, o ouvinte 1 escreveu “*I helped and my vacation*” e considerou o vocábulo *public* muito difícil de entender, enquanto que o ouvinte 2 escreveu “*And help and public transportation*” e considerou *public* difícil de entender (mesmo tendo compreendido o vocábulo corretamente).

Diferentemente do ouvinte 1, que não soube explicar sua compreensão da amostra, o ouvinte 2 justificou sua transcrição: “*I didn't get the first words so I skipped them*”<sup>25</sup>, comentário no qual explica que por não entender as primeiras palavras da amostra, ele optou por ignorá-las.

Com relação a *public*, podemos perceber que este não foi inteligível para o ouvinte 1 (familiarizado com o inglês dos brasileiros), porém, foi inteligível para o ouvinte 2 (não familiarizado), que transcreveu “*And help and public transportation*”. Ao ser questionado sobre como ele compreendeu o vocábulo em questão, o ouvinte 2 respondeu: “*I guess the transportation give me a highlight on the meaning of the word*”<sup>26</sup>, sinalizando que o contexto linguístico, nesse caso o vocábulo *transportation*, ajudou-lhe a compreender o vocábulo *public*, uma vez que a expressão *public transportation* é comumente utilizada na língua inglesa.

Dessa maneira, podemos notar que a familiaridade do ouvinte 1 não foi suficiente para que este compreendesse o vocábulo *public* corretamente. Também é possível perceber como o ouvinte 2 fez uso do contexto linguístico para compensar a falta de familiaridade com a pronúncia de *public*, o qual considerou difícil de entender, provavelmente por conta do esforço requerido para compreendê-lo corretamente.

#### 7.2.2.2 Health

O vocábulo *health*, na amostra 8 (“*she talked about health*”), foi pronunciado [ˈhɛlfɪ], com substituição da vogal /e/ pela vogal [ɛ] (ver item 5.2), da fricativa dental desvozeada /θ/ pela fricativa labiodental desvozeada [f] (ver item 5.1.2) e a inserção final da vogal [i] (ver item 5.3).

Da forma como foi pronunciado, *health* não foi compreendido por ambos os ouvintes participantes. No espaço reservado para a transcrição da amostra, o ouvinte 1 escreveu: “*she talked about her*”, e após ser apresentado à transcrição original, o ouvinte considerou o vocábulo *health* difícil de entender. O ouvinte 2, por sua vez, transcreveu a amostra como “*he talked about healthy*”, e também considerou o vocábulo difícil de entender.

Diante do exposto, podemos notar que o ouvinte 2 transcreveu *health* como *healthy* e acabou inserindo uma letra a mais, que corresponde ao som extra [i] presente na pronúncia do

---

<sup>25</sup> Eu não entendi as primeiras palavras, então eu as pulei.

<sup>26</sup> Acho que *transportation* me dá uma luz com relação ao significado da palavra.

graduando brasileiro, o que sinaliza a interferência da inserção da vogal na inteligibilidade do vocábulo *health*. E, por fim, também é possível perceber que, assim como com *public*, a familiaridade do ouvinte 1 com o falar em inglês do brasileiro não foi suficiente para compreender o vocábulo *health* corretamente.

### 7.2.2.3 *Think e first*

Diferentemente do RP /θɪŋk/, na amostra 11 (“*I think our priority is health*”) *think* foi pronunciado [ˈsĩki] por um graduando brasileiro, com substituição da fricativa dental /θ/ pela fricativa alveolar [s] (ver item 5.1.2), nasalização da vogal [i] (ver item 5.1.5) e inserção final da vogal [i] (ver item 5.3). Da forma como foi pronunciado, *think* foi compreendido corretamente por ambos os ouvintes (ver Anexo II).

Na amostra 19 (“*In my first communication with a native person*”), o vocábulo *first* foi pronunciado [ˈfɪrsti] por um graduando brasileiro, diferentemente de sua pronúncia no RP /fɜːst/. Na pronúncia do graduando, é possível perceber a substituição da vogal /ɜː/ pela vogal [ɪ] e a inserção final da vogal [i] (ver item 5.3).

*First*, da forma como foi pronunciado na amostra 19, também foi transcrito corretamente, tanto pelo ouvinte familiarizado como pelo não familiarizado com o falar em inglês do brasileiro. Contudo, percebe-se que, no caso da amostra em questão, a inserção final da vogal [i] parece ter levado os ouvintes a adicionarem uma sílaba a mais, mesmo tendo compreendido *first* corretamente: enquanto o ouvinte 1 transcreveu a amostra como “*My first is communication*”, o ouvinte 2 a transcreveu como “*It’s my first thing communication and nothing is personal*”. A partir das transcrições dos ouvintes, pode-se perceber que ambos inseriram vocábulos monossilábicos que contêm a vogal [i] logo após o vocábulo *first*, respectivamente *is* e *thing*, fato que também pode ter comprometido a inteligibilidade do restante da amostra.

Sendo assim, tanto para o ouvinte familiarizado como para o não familiarizado com o falar em inglês do brasileiro, a inserção final da vogal [i] e conseqüentemente a adição de uma sílaba em um vocábulo, parece afetar a inteligibilidade da fala do brasileiro.

## 7.2.3 - Ed final

### 7.2.3.1 *Called*

O vocábulo *called*, na amostra 9 (“*my cousins called the police*”), foi pronunciado como [ˈkɔled] por um graduando brasileiro, diferentemente de sua pronúncia RP /kɔːld/. Na pronúncia do graduando podemos perceber a substituição da vogal /ɔː/ pela vogal [ɔ] (ver item 5.2) e a inserção da vogal [e] (ver item 5.3.3).

Da forma como foi pronunciado, o vocábulo *called* não foi compreendido pelo ouvinte 1, familiarizado com o falar em inglês do brasileiro, que transcreveu a amostra como “*My father call [sic] this folish*”, na qual considerou o vocábulo em questão difícil de entender.

Diferentemente do ouvinte 1, o vocábulo *called* foi compreendido pelo ouvinte 2, não familiarizado com o falar em inglês do brasileiro, que transcreveu a amostra como “*My cousin called the police*”. Ao ser questionado sobre por que compreendeu a amostra, o ouvinte 2 fez o seguinte comentário “*certain tribes in Cameroon have such pronunciation. Those I am close to*”, no qual justifica que algumas tribos/comunidades em Camarões também inserem uma vogal extra ao pronunciarem o vocábulo *called*.

Assim como afirma Field (2003), discutido anteriormente, a familiaridade com uma variedade que compartilha semelhanças com aquela que se ouve pode facilitar a compreensão da mesma. Nesse caso, a familiaridade com uma variedade camaronesa, não com o falar em inglês do brasileiro, foi a variável que contribuiu para que o ouvinte 2 compreendesse o vocábulo *called* corretamente.

### 7.3 ACENTUAÇÃO

Na categoria acentuação, foram analisados quatro vocábulos com acentuação diferente da daquela do RP, são eles *native*, *police*, *Brazil* e *museums*, apresentados no quadro a seguir juntamente com suas respectivas pronúncias pelos graduandos brasileiros, no RP e no inglês camaronês:

Tabela 1 – Pronúncia dos vocábulos da categoria acentuação

<b>Amostra/Vocábulo</b>	<b>Pronúncia dos graduandos brasileiros</b>	<b>Pronúncia no RP</b>	<b>Pronúncia no Inglês Camaronês</b>
(1) <i>Native</i>	[na'tiv]	/ˈneɪtɪv/	[ˈnetiv]
(5) <i>Police</i>	[ˈpɒlɪs]	/pəˈliːs/	[pəˈlis]
(10) <i>Brazil</i>	[ˈbreɪzɪw]	/brəˈzɪl/	[braˈzil]
(16) <i>Museums</i>	[ˈmjuziəms]	/mjuːˈziːəms/	[muˈzeums]

Na Tabela 1, podemos observar que o vocábulo *native* foi acentuado pelos graduandos brasileiros na segunda sílaba, diferentemente da pronúncia correspondente no RP, acentuado na primeira sílaba. Ao contrário do que ocorreu com *native*, os vocábulos *police*, *Brazil* e *museum* foram acentuados na primeira sílaba, diferentemente de seus correspondentes no RP, acentuados na segunda sílaba. Da forma como foram pronunciados, nenhum dos vocábulos apresentados nessa categoria foi compreendido pelos ouvintes – familiarizado e não familiarizado com o falar em inglês do brasileiro (ver Anexo II).

Uma vez que o inglês camaronês também apresenta variações de acentuação, como afirma Atechi (2004), podendo esta ocorrer uma, duas ou até três sílabas após aquela do RP, os ouvintes foram solicitados a pronunciar os vocábulos apresentados. Contudo, no caso da pronúncia dos ouvintes dos vocábulos analisados nessa categoria, foi possível identificar o mesmo padrão de acentuação do RP, como pode-se observar na Tabela 1.

A partir do exposto, podemos verificar a relevância da acentuação de vocábulos em nosso estudo, uma vez que nem a familiaridade com o falar em inglês do brasileiro, nem a familiaridade com a variações de acentuação do inglês camaronês foram suficientes para fazer com que os ouvintes compreendessem os vocábulos analisados.

## 7.4 VOCÁBULO *CULTURE*

Na amostra 6 (“*I’d like to know the culture because*”), o vocábulo *culture* foi pronunciado [ˈkʲʊtʃə.ɹ] por um graduando brasileiro, que se diferencia de sua pronúncia no RP, /ˈkʌltʃə/. Na pronúncia do graduando, os fonemas /ʌ/ e /l/ do RP foram substituídos por [j] e [u], respectivamente, e houve adição do fonema [ɹ] no final do vocábulo.

Da forma como foi pronunciado pelo graduando brasileiro, o vocábulo *culture* também aparece no estudo de Cruz e Pereira (2006). Nesse estudo, nenhum dos ouvintes nativos da língua inglesa participantes do estudo compreendeu o vocábulo corretamente, apenas os ouvintes brasileiros, que afirmaram já ter pronunciado ou escutado tal pronúncia de outros brasileiros.

Diferentemente do estudo mencionado anteriormente, o vocábulo *culture* foi compreendido corretamente pelo ouvinte 1, que no espaço reservado para a transcrição da amostra escreveu: “*I want to know the culture because*”. Após ser questionado sobre o fato de ter compreendido *culture* corretamente, o ouvinte justificou: “... pode ser pela influência do meu francês, né? A pronúncia em francês é /kylˈtyʁ/, e o fato de eu conhecer essa palavra em francês pode ter influenciado minha compreensão, principalmente o prefixo [kyl].”

Com base no comentário do ouvinte 1, é possível afirmar que o seu conhecimento da língua francesa, também falada em seu país, contribuiu para que o vocábulo fosse inteligível. Possivelmente, a sílaba [kju] em *culture*, da forma como foi pronunciada pelo graduando brasileiro, tenha sido a pista sonora que fez com que o ouvinte a relacionasse com o vocábulo *culture* em francês, que o fez compreendê-lo corretamente.

Diferentemente do ouvinte 1, o ouvinte 2, que informou ter pouco conhecimento da língua francesa, não compreendeu o vocábulo *culture* corretamente e transcreveu a amostra da seguinte maneira: “*I like to know the future because*”. Ao ser questionado sobre a compreensão do vocábulo *culture*, o ouvinte o considerou muito difícil de compreender.

Ao analisarmos a transcrição do ouvinte 2, percebemos que o vocábulo *culture* foi transcrito como *future*, que é possível ser justificado pelo fato de a pronúncia de *culture* pelo graduando brasileiro, [ˈkʲʊtʃə.ɹ], assemelhar-se à pronúncia de *future* no RP, /ˈfju:tʃə/, bem como à pronúncia do próprio ouvinte, que ao ser solicitado o pronunciou como [ˈfjʊtʃə]. Ao compararmos a pronúncia de *culture* e *future* mencionadas anteriormente, podemos perceber que elas se diferenciam apenas pelo primeiro e último fonemas presentes na pronúncia do graduando brasileiro, respectivamente [k] e [ɹ].

Desse modo, assim como ocorreu com o ouvinte 2 na compreensão do vocábulo *called* na amostra analisada anteriormente (ver item 7.3.2.1), podemos perceber que a familiaridade do ouvinte 1 com a língua francesa, não com o falar em inglês do brasileiro, foi a variável que tornou o vocábulo *culture* inteligível, que corrobora os apontamentos de Field (2003) sobre variáveis relacionadas ao ouvinte.

Por fim, visando sumarizar os resultados obtidos na análise anterior, temos a Tabela 2, apresentada a seguir:

Tabela 2 – Vocábulo compreendidos

<b>Amostra/Vocábulo</b>	<b>Ouvinte 1 (Familiarizado)</b>	<b>Ouvinte 2 (Não familiarizado)</b>
(2) <i>Public</i>	Não compreendido	Compreendido
(3) <i>Small</i>	Compreendido	Não compreendido
(6) <i>Culture</i>	Compreendido	Não compreendido
(9) <i>Called</i>	Não compreendido	Compreendido
(11) <i>Think</i>	Compreendido	Compreendido
(12) <i>Whole</i>	Compreendido	Compreendido
(13) <i>Speaks</i>	Compreendido	Não compreendido
(14) <i>Think</i>	Compreendido	Compreendido
(15) <i>Bad</i>	Compreendido	Compreendido
(17) <i>Thing</i>	Compreendido	Compreendido
(18) <i>School</i>	Compreendido	Não compreendido
(19) <i>First</i>	Compreendido	Compreendido

Na Tabela 2, podemos observar todos os vocábulos analisados que foram compreendidos por pelos menos um dos ouvintes, que totalizam treze vocábulos. Dos treze vocábulos apresentados, dez foram compreendidos corretamente pelo ouvinte 1, familiarizado com o falar em inglês do brasileiro, enquanto oito foram compreendidos corretamente pelo ouvinte 2, não familiarizado. Considerando que a diferença entre os números de vocábulos compreendidos pelos dois ouvintes é de apenas dois, é possível inferir que a familiaridade contribuiu para que o ouvinte 1 compreendesse mais amostras, visto que na categoria inserção de vogal em posição inicial, dois dos três vocábulos apresentados aos ouvintes foram inteligíveis apenas para o ouvinte 1, que sinalizou sua familiaridade com esse aspecto do falar em inglês do brasileiro.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise dos dados obtidos nesta pesquisa, pudemos identificar alguns dos aspectos do inglês falado pelos brasileiros que afetam a inteligibilidade da fala de graduandos de Letras/Inglês para dois ouvintes camaroneses (um familiarizado e outro não familiarizado com o falar em inglês dos brasileiros). Tais aspectos, em uma ordem crescente de inteligibilidade, estão relacionados à acentuação de palavras, à inserção de vogal em posição inicial de vocábulo, à inserção de vogal em posição final de vocábulo e à substituição de vogal e consoante.

Em relação à acentuação de palavras, identificamos que nenhum dos vocábulos analisados (*native*, *police*, *Brazil* e *museum*) foi inteligível para os ouvintes (familiarizado e não familiarizado com o falar em inglês dos brasileiros).

No que se refere à inserção de vogal em posição inicial de vocábulo, dois dos três vocábulos apresentados (*small*, *speechless* e *speaks*) foram inteligíveis apenas para o ouvinte 1, familiarizado com o falar em inglês dos brasileiros, e nenhum para o ouvinte 2, não familiarizado, que sinaliza uma possível influência da familiaridade do ouvinte 1 na compreensão dos vocábulos que continham tais aspectos.

A respeito da inserção de vogal em posição final, foi possível perceber que tal aspecto foi ininteligível para ambos os ouvintes apenas na amostra 8, no vocábulo *health*, cuja inserção da vogal final [i] fez com que o ouvinte 2, não familiarizado com o inglês dos brasileiros, compreendesse *health* como *healthy*. Além disso, na amostra 19, na qual o vocábulo *first* foi compreendido corretamente por ambos os ouvintes, a inserção final da vogal [i] fez com que os ouvintes inserissem outros vocábulos monossilábicos contendo tal vogal após *first*: o ouvinte 1 inseriu *is* e o ouvinte 2 inseriu *thing*, o que comprometeu a compreensão do restante da amostra (ver anexo II).

No que concerne à substituição de vogal e consoante, essa foi a categoria mais inteligível em nossa investigação, da qual quatro (*whole*, *think*, *bad* e *thing*) dos seis vocábulos analisados foram inteligíveis para ambos os ouvintes (familiarizado e não familiarizado com o inglês falado pelos brasileiros). Além disso, nessa categoria, o único vocábulo que se mostrou ininteligível para ambos os ouvintes foi o vocábulo *reach*. Tal fato sugere a relevância da substituição das consoantes /r/ e /tʃ/ por /h/ e /ʃ/, respectivamente, para a inteligibilidade de *reach* para os dois ouvintes camaroneses.

Por fim, quanto aos vocábulos *culture* e *called* em nosso estudo, verificamos que o primeiro – inteligível apenas para ouvintes brasileiros no estudo de Cruz e Pereira (2006) – foi inteligível apenas para o ouvinte 1, familiarizado com a pronúncia do vocábulo em francês, enquanto que o segundo foi inteligível apenas para o ouvinte 2, familiarizado com a pronúncia do vocábulo por uma determinada tribo camaronesa. Ambas as familiaridades mencionadas anteriormente revelam a complexidade em se medir inteligibilidade.

Levando em conta o contexto no qual este estudo foi desenvolvido – com alunos graduandos da UFCG – podemos considerar o presente estudo um primeiro passo para compreensão de aspectos do falar em inglês dos graduandos que podem interferir na sua inteligibilidade para ouvintes de ISL (Inglês como Segunda Língua), uma vez que esta pesquisa revela aspectos do falar em inglês dos brasileiros que se mostraram ininteligíveis tanto para um ouvinte camaronês familiarizado como para um ouvinte não familiarizado com tal forma de falar em inglês.

## 9 REFERÊNCIAS

ATECHI, V. H. S. N. **The intelligibility of Native and non-Native English Speech: a comparative analysis of Cameroon English and American English and British English**, 2004.

BAPTISTA, B. O. **Frequent pronunciation errors of Brazilian learners of English**, 2001. In: FORTKAMP, M.; XAVIER, R. (ORGS.) **EFL TEACHING AND LEARNING IN BRAZIL: Theory and Practice**. Florianópolis: Insular, p. 223-230.

CRUZ, N. C. **Pronunciation intelligibility in spontaneous speech of Brazilian learners' English**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

\_\_\_\_\_. **Pronunciation intelligibility in spontaneous speech of Brazilian learners' English**. In: CLARITAS, v.12, n. 1, São Paulo: Editora PUCSP, 2006. p. 121-138.

\_\_\_\_\_. **Terminologies and definitions in the use of intelligibility: state-of-the-art**. In: REVISTA BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA APLICADA, v. 7, n. 1, 2007 p. 149-159.

CRUZ, N. C.; PEREIRA, M. A. **Pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês e inteligibilidade: um estudo com dois grupos de ouvintes**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v. 7, 2006.

FIELD, J. **The fuzzy notion of 'intelligibility': A headache for pronunciation teachers and oral testers**. IATEFL Special Interest Groups Newsletter, Special issue, 2003. p. 34-38.

JENKINS, J. **Phonology of English as an international language: new models, new norms, new goals**. Oxford: Oxford University Press, 2000. 266p.

\_\_\_\_\_. **World Englishes: a resource book for students**. London: Routledge, 2003. 233p.

KENWORTHY, J. **Teaching English pronunciation**. London: Longman, 1987. 164p.

LIEFF, C. D.; NUNES, Z. A. **English pronunciation and the Brazilian learner: how to cope with language transfer**. *Speak Out!*, v. 12, 1993. p. 22-27.

MASCHERPE, M. **Análise comparativa dos sistemas fonológicos do Inglês e do Português**. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais S.A., 1970. 156p.

REBELLO, J. T. **The acquisition of English initial /s/ clusters by Brazilian EFL learners**. Dissertação (Mestrado em letras). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

REIS, F.; CRUZ, N. C. **(Un)intelligibility in the context of English as a lingua franca: a study with French and Brazilian speakers**. Revista Intercâmbio, v. XXII, São Paulo: LAEL/PUCSP, 2010. p. 35-55.

SILVA, C. T. **Pronúncia do inglês: para falantes do português brasileiro.** Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.

SILVA, R. **An investigation into the intelligibility of the pronunciation of Brazilian intermediate students.** In: IATEFL SPECIAL INTEREST GROUP NEWSLETTER, Issue 25, 2000. p. 35-42.

## ANEXO I

### VOCÁBULOS ANALISADOS

*Practice: My school was very calm*

[is'ku]

1. *When I talk with a native person*

[na'tiv]

2. *Public education eh health and public transportation*

['pʌbliki]

3. *I prefer small cities 'cause*

[iz'mɔw]

4. *It's hard, it's harder to reach it*

[hiʃ]

5. *The police uh found my dad's car*

['pɒlis]

6. *I'd like to know the culture because*

['kjuʃə]

7. *I was speechless*

[is'piʃlɪs]

*Distractor 1: I do spend a lot of time*

8. *She talked about health*

['helʃi]

9. *My cousins called the police*

['kɔled]

10. *They came from Brazil*

['breiziw]

11. *I think our priority is health*

['siŋki]

12. *If you could go abroad for one whole year*

[how]

13. *My cousin speaks fluently*

[is'piks]

14. *I wouldn't like to think about my death*

[fɪŋk]

15. *It's really bad*

[bɛd]

*Distractor 2: What exactly they were talking about*

16. *I'd like to see the museums*

['mjuziəms]

17. *What was the thing you liked the least*

[fɪŋ]

18. *I don't need school*

[sku]

19. *In my first communication with a native person*

['fɜːstɪ]

## ANEXO II

### TRANSCRIÇÕES DAS AMOSTRAS PELOS OUVINTES

#### 1. When I talk with a native person

Ouvinte 1: Well...

Ouvinte 2: You and I are very foolish aren't we

#### 2. Public education eh health and public transportation

Ouvinte 1: I helped and my vacation

Ouvinte 2: And help and public transportation

#### 3. I prefer small cities 'cause

Ouvinte 1: I prefer small cities because

Ouvinte 2: I prepare multiple cars

#### 4. It's hard, it's harder to reach it

Ouvinte 1: It's hard it's hard...

Ouvinte 2: Its [sic] hard, hard to get

#### 5. The police uh found my dad's car

Ouvinte 1: Something may

Ouvinte 2: Recalling eh eh rounding my best car

#### 6. I'd like to know the culture because

Ouvinte 1: I want to know the culture because

Ouvinte 2: I like to know the future because

#### 7. I was speechless

Ouvinte 1: I was sti...

Ouvinte 2: I was in this place

#### 8. She talked about health

Ouvinte 1: She talked about her

Ouvinte 2: He talked about healthy

#### 9. My cousins called the police

Ouvinte 1: My father [sic] call this folish

Ouvinte 2: My cousin called the police

**10. They came from Brazil**

Ouvinte 1: This car... you  
Ouvinte 2: They came for review

**11. I think our priority is health**

Ouvinte 1: I think I was  
Ouvinte 2: I think our prriority [sic] is health

**12. If you could go abroad for one whole year**

Ouvinte 1: If you could go abroad for one whole year  
Ouvinte 2: If you could go abroad for one whole year

**13. My cousin speaks fluently**

Ouvinte 1: You may start to speak fluently  
Ouvinte 2: My cousin is sick flying sick

**14. I wouldn't like to think about my death**

Ouvinte 1: I don't like to think about my death  
Ouvinte 2: I really like to think about like this

**15. It's really bad**

Ouvinte 1: It's really bad  
Ouvinte 2: It's real [sic] bad

**16. I'd like to see the museums**

Ouvinte 1: I like to read the...  
Ouvinte 2: I like to see Denisia

**17. What was the thing you liked the least**

Ouvinte 1: What was the thing you liked to read  
Ouvinte 2: What was the thing you like to deleted [sic]

**18. I don't need school**

Ouvinte 1: I don't need school  
Ouvinte 2: I don't need to go

**19. In my first communication with a native person**

Ouvinte 1: My first is communication  
Ouvinte 2: It's my first thing communication and nothing is personal